

12-05-2020

PONTO DE VISTA**Renato Bonfatti**

[Médico. Filósofo. Doutor em Ergonomia. Professor Centro de Estudos Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana / Fiocruz]

PONTO DE VISTA**Tem os que rodam por aí****Semeando engano****Tem os que pintam****A sujeira de dourado****Tem os que tateiam no escuro****Os que vivem em cima do muro****Tem os que sufocam****Tem os que embarcam****Os que matam****Dizem que vem por aí um vento****Mudando o lugar de todos os grãos****E que o tempo, como um grande manto****Vai encobrir as esperanças****Mas tem também os que semeiam danças****E é junto desses que eu quero estar**

Um amigo me perguntou se eu havia escrito esse poema por conta da Pandemia do Coronavírus.

Na verdade, não me lembro bem da época em que o escrevi. Penso que foi nos anos noventa.

Tínhamos então como presidente da república o Fernando Henrique Cardoso, segundo presidente diretamente eleito após vinte anos de ditadura.

Seu plano de governo era muito semelhante ao do outro Fernando que o antecedeu, o Collor.

A diferença estava no fato de que o Fernando Henrique veio com uma reputação de respeitabilidade: um professor universitário e político experiente, honesto, e, principalmente, reconhecido como administrador competente desde seu sucesso como mentor do Plano Real que baixou a inflação e produziu uma razoável estabilidade na economia. Na verdade, o Plano Real era parte de um projeto nitidamente neoliberal, recomendando um mínimo de Estado e um máximo de Mercado. Desse modo, foi dada continuidade ao desmonte do estado brasileiro iniciado no governo Collor através das privatizações e da política dita de “austeridade”, imposta pelo FMI. Essa política preconizava, entre outras coisas, aumento dos juros e drástica redução dos gastos públicos; leia-se cortes no orçamento com educação e saúde públicas; ataque aos

funcionários públicos colocados mais uma vez como uma espécie de “bode expiatório”, com suspensão de concursos e contenção de salários. Impressiona aliás, o modo recorrente como os governos neoliberais demonizam o funcionalismo público. Tal como hoje o ministro da economia utiliza a palavra “parasita” ao se referir aos funcionários públicos, Fernando Henrique na presidência da república usou o termo “vagabundo” ao referir-se aos aposentados. Responsabiliza-se o funcionalismo público e os aposentados pelas crises mas não se toca nas reais causas do problema. Sim, culpa-se esse mesmo funcionalismo que hoje está dando literalmente a vida nas linhas de frente no combate à pandemia através do SUS mas nada se menciona, por exemplo, sobre os exorbitantes lucros dos bancos nem sobre a possibilidade de taxação das grandes fortunas. Essas grandes fortunas são uma prova viva e exposta da terrível desigualdade social em que vivemos. Em 2017 O Brasil possuía cinco bilionários com patrimônio equivalente à metade mais pobre da população brasileira. (1) Lembro-me que na época em que escrevi o poema a economia apresentava índices pífios de crescimento enquanto aumentavam a miséria, a violência e a corrupção em todos os níveis.

O país patinava e a falta de perspectivas infundia um estado de espírito de pessimismo cinzento nos seus cidadãos, pois era lícito pensar que, a continuarem as coisas do mesmo jeito, um futuro sombrio se avizinhava. Muita gente saiu do país nesta época a buscar alternativas de vida com maior qualidade em outros lugares porque é mesmo muito difícil viver num contexto em que só vemos as coisas piorarem dia após dia, dormindo e acordando sem perspectivas de um futuro promissor. É muito duro ter que viver uma vida desencantada! E foi assim, neste contexto, em meio a esse estado de espírito cinzento que um dia parei para refletir e concluí que, haja o que houver, mesmo que tudo nas aparências nos leve a crer num eminente desastre, sei que este mundo é muito mais complexo, mais misterioso e cheio de possibilidades do que supõe a nossa vã filosofia, e que um futuro melhor se semeia num aqui e agora de compromisso e lutas. Jamais imaginei que as coisas pudessem piorar tanto, principalmente para nós brasileiros que nos vemos agora em meio a uma pandemia e imersos numa crise política com sérias ameaças à nossa democracia.

Mas nesse momento, tanto quanto nos “anos fernandos”, quando escrevi o poema, continuo abraçando o mesmo ponto de vista e me colocando ao lado daqueles que “semeiam danças” em suas lutas diárias. É junto desses que eu quero estar! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.